Muito além da visibilidade

Marta Porto
Jornalista

A relação entre juventude e cultura vem sendo objeto de debates intensos em todos os fóruns nacionais e internacionais que se dedicam a analisar as novas formas e funcionalidades que as produções artísticas e culturais assumem nos dias de hoje. E um dos pontos chaves dessas reflexões concentra-se no estudo das produções contemporâneas das periferias dos grandes centros urbanos latinoamericanos, como formas de resistência cultural, como sinaliza em seu texto sobre o hip hop Heloísa Buarque de Holanda, e como alternativas para o desenvolvimento de mercados múltiplos na linha que George Yúdice vem propondo em seus estudos sobre as indústrias culturais.

Esses estudos apontam para o surgimento de representações e práticas sociais e econômicas que organizadas por grupos e indivíduos a partir de comunidades de baixa renda vem revigorando a multiplicidade de usos da cultura e ampliando os imaginários das cidades com a presença de um novo tipo de empreendedorismo que associa produtos culturais a uma estratégia econômica, baseada na formação de micro e pequenas empresas locais, uma forte presença nos meios de comunicação de massa e um sistema de circulação de seus produtos e serviços feito através de redes sociais e agendas culturais específicas, como festivais, circuitos de espetáculos e apresentações artísticas, que vão formando um calendário cultural cada vez mais dinâmico (Yúdice, 2006).

Se é correto afirmar que essas modalidades de produção cultural são elemento-chave para a formulação de políticas culturais atuais, também é certo que uma

grande massa de jovens não será contemplada nessas políticas com o simples incremento e a visibilidades dessas práticas culturais.

Há três pontos que gostaria de desenvolver de forma breve nesse texto a partir dessa afirmação: o primeiro se refere a construção dos imaginários sobre juventude e cultura, o segundo sobre a noção propriamente de acesso a cultura e por último considerações sobre os novos modos de perceber, sentir e se expressar que o ecossistema comunicativo, como denomina Jesús Martín Barbero, promove para forjar um sensorium e uma experiência cultura também renovada.

Quem são os jovens de que falamos e assistimos? Trata-se do conjunto de jovens da nossa sociedade ou de grupos de jovens com maior poder de visibilidade e representação social? Rosilene Alvim dos Santos em "Olhares sobre a Juventude"[1] a partir do estudo de um texto de Pierre Bourdieu em um encontro com técnicos de juventude na França, alerta para a necessidade de se pensar a diversidade da categoria juventude para não criar outros tipos de invisibilidade social a partir de um discurso hegemônico que define "um tipo de jovem" privilegiado nos estudos e nas políticas públicas e privadas. Existem jovens evangélicos, católicos, da "malhação", da capoeira, do grafite e do hip hop, do futebol, do surf, da música eletrônica os que ainda se reúnem em partidos e movimentos estudantis e aqueles que estão perambulando pelas ruas ou envolvidos em delitos ou organizações criminosas. É preciso olhar esses jovens, em sua diversidade de expressões e gramáticas para abrir frentes de diálogos e fazer política. Especialmente políticas de cultura. Se é evidente que expressões artísticas e culturais como o hip hop e o funk são fortes apelos para a juventude de hoje, especialmente pela visibilidade que ganharam na mídia nos últimos anos, é certo que o incremento de projetos e grupos nessas áreas, não responde isoladamente a complexidade das ações promovidas com e para as juventudes brasileiras, mesmo as moradoras das grandes periferias urbanas. Corre-se o risco de se construir um imaginário de jovem

[1] Santos, Rosilene, in Juventude, Cultura e Cidadania.

pobre, preto e de periferia vinculado a cultura hip hop, a uma gramática de expressão artístico cultural que vê, lê e expressa o mundo a partir de um conjunto de práticas e apostas sociais. Nisso vai residindo uma certa debilidade dos diálogos com os jovens que nutrem outros gostos e outras formas de expressão e naturalmente do perfil dos programas culturais oferecidos aos jovens repetindo as fórmulas do "estilo jovem" que residem nos anúncios publicitários como chama a atenção os estudos da antropóloga Eugênia Paim:

"O processo cultural de construção do comportamento social do jovem moderno gerou, numa direção, uma imagem de jovem possível de ser apropriada como signo publicitário, expressão daqueles seus atributos já vistos, somados a outros como a felicidade, o desejo de aventura, a sensualidade, traduzidos para a linguagem publicitária. (...) Isto é feito através daquela imagem do jovem abstrato, o jovem que é "apenas uma palavra", como diria Bourdieu (1983), o jovem como um grupo constituído como se fosse dotado de interesses comuns relacionado a idade definida biologicamente, uma unidade social apropriável".

Nessa direção também caminham os projetos e discursos que paulatinamente vão construindo um imaginário de associação do jovem, especialmente pobres e moradores da periferia, a violência e ao pessimismo. Pesquisas da UNESCO (2002) mostram que os próprios jovens declaram um desconforto crescente com construções de estigmas e áreas de discriminações, que opõem diferenças nos modos de pensar, agir e se comportar, a generalizações que pautam o "risco" e a eminência do tráfico e da criminalidade como destinos fáceis para o jovem morador de áreas pobres. Essas generalizações aparecem em projetos e discursos os mais bem intencionados, banalizando a importância da extensão dos direitos culturais a uma ampla massa de jovens moradores dessas áreas. Nesse sentido, o geógrafo e educador Jaílson de Souza e Silva (2005) chama a atenção quando afirma:

"São muitos os projetos que aportam nas favelas carregados de preconceitos. Os mais recorrentes pretendem tirar os jovens do domínio do tráfico de drogas, como se todos os jovens fossem potencialmente violentos e criminosos. Planos dessa natureza já começam mal, tendo os estigmas em relação às crianças e aos jovens das favelas como (péssimos) pontos de partida".

Aqui, chamo a atenção para um dos principais papeis da cultura na atualidade: a ampliação dos imaginários e das representações simbólicas em cenários de poder e hegemonias culturais. No caso, das ações com e para jovens essa função se amplia forçando novos diálogos e outras modalidades de expressão em cena.

No segundo ponto, o da noção de acesso a cultura parto da defendida pela UNESCO (2001) de ampliar as vias de diálogo e intercâmbio culturais, promovendo a circulação e o encontro de diferenças, ampliando repertórios e permitindo que o desconhecido se torne conhecido, e também a idéia de experiência cultural proposta por Renato Janine Ribeiro. Em seu último Informe Mundial de Cultura (2001-2002) a UNESCO coloca em cena a noção de injustiça cultural destacando:

> *"Um acesso desigual aos meios de expressão cultural, novos ou tradicionais, implica não somente uma negação do reconhecimento cultural, mas algo que afeta seriamente o sentimento de pertencimento de indivíduos e comunidades à sociedade do conhecimento, ou a sua exclusão dela. A cultura possui laços múltiplos e complexos com o conhecimento. A transformação da informação em conhecimento é um ato cultural, como é o uso a que se destina todo o conhecimento. Um mundo autenticamente rico em conhecimento há de ser um mundo culturalmente diverso".*[2]

Ou seja, não basta apostar no que se conhece, mas investir também naquilo que se desconhece. Apostar na curiosidade, na insubordinação dos espaços de invenção, na possibilidade de ao encontrar o desconhecido, promover o encontro com um destino menos "natural". Essa é também a proposta de Janine (2003) quando fala que é cultural toda a experiência onde se entra de um jeito e se saí de outro, onde se pode aumentar a compreensão do mundo em que se vive e, assim, se tornar mais livre para escolher seu destino. Janine também enfatiza que uma política cultural não deve ser feita só para quem produz cultura, os artistas, os intelectuais, os produtores, mas especialmente para o público, para aqueles que não pensam em

[2] MATSUURA, Koichiro. Abertura ao Informe Mundial de Cultura da UNESCO, 2000-2001.

tornar a arte e a promoção cultural em forma de vida ou de expressão social. E é aí que ainda se concentram o maior número de jovens.

Em um país onde, segundo dados do IPEA (2008), 90% dos jovens entre 14 e 21 anos não tem qualquer tipo de contato com cinema, teatro, exposições de arte e espetáculos artísticos, ao livro e a leitura, o desafio é enorme. Passa certamente pela descentralização de equipamentos culturais, pela qualidade dos programas e das trocas promovidas com as produções locais e também pela universalização dos serviços de cultura, mais do que pelo empoderamento de grupos locais. É preciso combinar as experiências que enfatizam o protagonismo juvenil, por meio de cursos, eventos, oficinas de arte, onde eles são estimulados a criar suas representações de mundo e de si mesmos, com programas que buscam na diversidade das linguagens artísticas, dos repertórios clássicos tanto da cultura dita erudita como da popular, a ampliação de sensibilidades e produções culturais. Um bom exemplo dessa combinação de repertórios é a atuação do Grupo Nós do Morro, na favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. Considerado hoje uma das melhores companhias e escola de teatro do Brasil, sempre advogou em prol da qualidade de sua prática artística, do aproveitamento da cultura local com a releitura de clássicos como Shakespeare e Machado de Assis. O Nós do Morro, em 22 anos de atuação, tem feito diferença importante, não só na trajetória de artistas e técnicos que passaram pelo casarão do Vidigal, mas na vida da comunidade que hoje conhece Hamlet e Machado através de encenações públicas memoráveis.

Passo agora para o último ponto o dos novos modos de perceber, sentir e se expressar que as tecnologias de comunicação tem promovido, com suas formas interativas e um novo tipo de ciberativismo que age de maneira reticular, viral.É com essa geração de jovens que se vislumbra uma ruptura com aquilo que entendemos por cultura, não de velhos conteúdos em novas formas ou linguagens, mas naquilo que Barbero (2006) chama da "natureza do processo": o surgimento de uma comunidade mundial em que tradições culturais muito diversas emigram no

tempo" , "imigrantes que chegam a uma nova era de temporalidades diferentes, mas compartilhando as mesmas lendas e sem modelos de futuro"[3]. As mudanças apontam para o surgimento de sensibilidades "desligadas das figuras, estilos e práticas de velhas tradições que definem "a cultura" e cujos sujeitos se constituem a partir da conexão/ desconexão com os aparatos". Na relação dos jovens com as comunidades virtuais, com novas formas de estar e se sentir juntos e com, na super exposição da intimidade, no aqui e agora das produções audiovisuais caseiras *on line* em sites como o *You Tube*, em suas narrativas feitas de imagens e sons surge uma nova gramática cognitiva e novas formas de expressão. Nesse processo, forjam-se identidades flexíveis e outras sociabilidades, configuradas em redes e tribos e por contágio viral. O que está em jogo não é a multiplicação cotidiana das tecnologias e nem o maior ou menor acesso a elas, e sim os traços que se tornam mais visíveis nessa geração de jovens: outras maneiras de aprendizado e expressão, de sensibilidades e de experiências significantes que esse ecossistema comunicativo, como chama Barbero, promove em nossas sociedades.

É neste cenário complexo que as políticas e ações para a juventude se insere. E é da abertura cognitiva para novas perguntas e reflexões que surgirá a oportunidade de promover significados renovados para que esta geração que está aí encontre sentido para uma vida em sociedade plena e positiva.

[3] Barbero, Jesus Martín in Livro 6 da coleção Cultura y Desarollo. La Cooperación Cultura-Comunicación en Iberoamérica. Madrid, Agencia Española de Cooperación Internacional, 2008.